



revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • junho/2006 • nº 45 • R\$5,00

Revista

Fidelidad**ESPÍRITA**

Suicídio Jovem um problema atual

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 OBSERVAÇÃO

FASCINAÇÃO - UMA ADVERTÊNCIA DE KARDEC

Aprenda como lidar com os perigos da obsessão

6 KARDEC

PÉROLAS DA CODIFICAÇÃO

A mais meritória de todas as virtudes

8 ESCLARECIMENTO

ÁGUA FUIDIFICADA? JAMAIS!!!

A ação dos fluidos sobre a matéria

10 REFLEXÃO

UM EXEMPLO DE QUE A DOCTRINA É DOS ESPÍRITOS

Toda a codificação foi ditada pelos Espíritos

12 CHICO

CHICO XAVIER E OS ORIGINAIS DOS LIVROS MEDIÚNICOS

Chico Xavier como guardião dos livros espíritas

14 CAPA

SUICÍDIO JOVEM - UM PROBLEMA ATUAL

Uma reflexão sobre os motivos que levam um jovem ao suicídio

22 ESTUDO

O PASSE: CONCEITO E FUNÇÃO

Os vários tipos de passes e suas funções

27 COM TODAS AS LETRAS

PLURAL DAS PALAVRAS COMPOSTAS

Importantes dicas da nossa língua portuguesa



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.

Os infortúnios ocultos



Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, e que traz em sua companhia uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de sórdida aparência, onde sem dúvida é conhecida, pois que à entrada a saúdam respeitosamente. Aonde vai ela? Sob a mansarda, onde jaz uma mãe de família cercada de crianças. À sua chegada, refulge a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vai acalmar ali todas as dores. Traz o de que necessitam, condimentado de meigas e consoladoras palavras, que fazem que os seus protegidos, que não são profissionais da mendicância, aceitem o benefício, sem corar. O pai está no hospital e, enquanto lá permanece, a mãe não consegue com o seu trabalho prover as necessidades da família. Graças à boa senhora, aquelas pobres crianças não mais sentirão frio, nem fome; irão à escola agasalhadas e, para as menorzinhas, o leite não secará no seio que as amamenta. Se entre elas alguma adoecer, não lhe repugnarão a ela, à boa dama, os cuidados materiais de que essa necessite. Dali vai ao hospital levar ao pai algum reconforto e tranqüilizá-lo sobre a sorte da família. No canto da rua, uma carruagem a espera, verdadeiro armazém de tudo o que destina aos seus protegidos, que todos lhe recebem sucessivamente a visita. Não lhes pergunta qual a crença que professam, nem quais suas opiniões, pois considera como seus irmãos e filhos de Deus todos os homens. Terminado o seu giro, diz de si para consigo: Comecei bem o meu dia. Qual o seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que nada indica; mas é o anjo da consolação. À noite, um concerto de bênçãos se eleva em seu favor ao Pai celestial: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

Por que tão singelo traje? Para não insultar a miséria com o seu luxo. Por que se faz acompanhar da filha? Para que aprenda como se deve praticar a beneficência. A mocinha também quer fazer a caridade. A mãe, porém, lhe diz: "Que podes dar, minha filha, quando nada tens de teu? Se eu te passar às mãos alguma coisa para que dês a outrem, qual será o teu mérito? Nesse caso, em realidade, serei eu quem faz a caridade; que merecimento terias nisso? Não é justo. Quando visitamos os doentes, tu me ajudas a tratá-los.

Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Não te parece bastante isso? Nada mais simples. Aprende a fazer obras úteis e confeccionarás roupas para essas criancinhas. Desse modo, darás alguma coisa que vem de ti." É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes que o Cristo ensinou. É espírita ela? Que importa! Em casa, é a mulher do mundo, porque a sua posição o exige. Ignoram, porém, o que faz, porque ela não deseja outra aprovação, além da de Deus e da sua consciência.

Certo dia, no entanto, imprevista circunstância leva-lhe a casa uma de suas protegidas, que andava a vender trabalhos executados por suas mãos. Esta última, ao vê-la, reconheceu nela a sua benfeitora. "Silêncio! ordena-lhe a senhora. Não o digas a ninguém." Falava assim Jesus.

O Evangelho Segundo o Espiritismo . Cap. XIII item 4

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br (19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Fascinação - uma advertência de Kardec

por Orson Peter Carrara

Estágios da obsessão pedem cuidados

No Discurso que proferiu, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, para o encerramento do ano social de 1858/1859, entre outras preciosas observações que merecem leitura e estudo integral¹ de todos nós, os espíritos da atualidade, está uma rápida abordagem, feita por Kardec, sobre a influência dos espíritos sobre a sociedade humana.

que tenta impor à sua vítima; a fascinação já é o mesmo quadro em estágio de fascinação para o médium que não se crê enganado; a subjugação, por sua vez, é a opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre, e o faz agir a seu malgrado.

Sugerimos aos leitores prévia consulta ao capítulo acima citado para ampliar o estudo da questão, pois o objetivo da presente abordagem é



Orson Peter Carrara

O perigo está no império que os maus espíritos exercem sobre as pessoas...

O texto remete ao sempre atual assunto da obsessão, tão bem desenvolvido em O Livro dos Médiuns (capítulo XXIII, itens 237 a 254), onde podemos estudar os estágios de obsessão simples, fascinação e subjugação.

Em síntese, como coloca Kardec, a obsessão simples é a insistência de um espírito no constrangimento

trazer aos nossos leitores uma advertência do Codificador no que se refere ao processo de fascinação.

Como citamos, o texto está na fonte acima citada e eis o trecho que destacamos:

"(...) O perigo está no império que os maus espíritos exercem sobre as pessoas, o que não é apenas uma coisa funesta, do ponto de vis-

(1) A íntegra encontra-se publicada na Revista Espírita, de julho de 1859, edição da Edicel, com tradução de Júlio Abreu Filho.

ta dos erros de princípios que aqueles podem propagar, como ainda do ponto de vista dos interesses da vida material. Ensina a experiência que não é impunemente que nos abandonamos ao seu domínio. Porque suas intenções jamais podem ser boas. Uma de suas táticas para alcançar os seus fins é a desunião, pois sabem muito bem que podem facilmente dominar aquele que estiver sem apoio. Assim, o seu primeiro cuidado, quando querem apoderar-se de alguém, é sempre inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém possa desmascará-lo, esclarecendo a vítima com seus conselhos salutares. Uma vez senhores do terreno, podem à vontade fas-

cinar a pessoa com promessas sedutoras, subjugá-la por meio da lisonja às suas inclinações, para o que aproveitam os lados fracos que descobrem a fim de melhor fazê-la sentir, depois, a amargura das decepções, feri-la nas suas afeições, humilhá-la no seu orgulho, e, muitas vezes, não a elevar um instante senão para a precipitar de mais alto (...)"

Observemos com bastante atenção, objetivando estudar o tema, a questão das táticas, da desunião, da tentativa de dominar, da inspiração da desconfiança e do isolamento, da lisonja às inclinações, do aproveitamento dos lados fracos e finalmente, do desejo de fazer com que as vítimas sintam a amargura das decepções, o ferimento das afeições, da humilhação de seu orgulho e mes-

...aproveitam os lados fracos a fim de melhor fazê-lo sentir a amargura as decepções...



mo da precipitação em abismos de sofrimento, dor e dominação.

Este curto e sugestivo texto deve acender em nós o desejo ardente da auto-análise sobre o próprio comportamento, ao mesmo tempo que surge como valioso documento para ser debatido e estudado nos grupos espíritas.

Ocorre que estamos todos sujeitos a essa constante influência em nosso cotidiano, dentro ou fora do Centro Espírita, e a defesa contra este mal está mesmo, não há dúvida, na sintonia do comportamento com a proposta do Espiritismo, que por sua vez, está totalmente embasado no Evangelho de Jesus. Razão maior, pois, para mais vigilância e trabalho no bem. ■

Pérolas da Codificação

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP



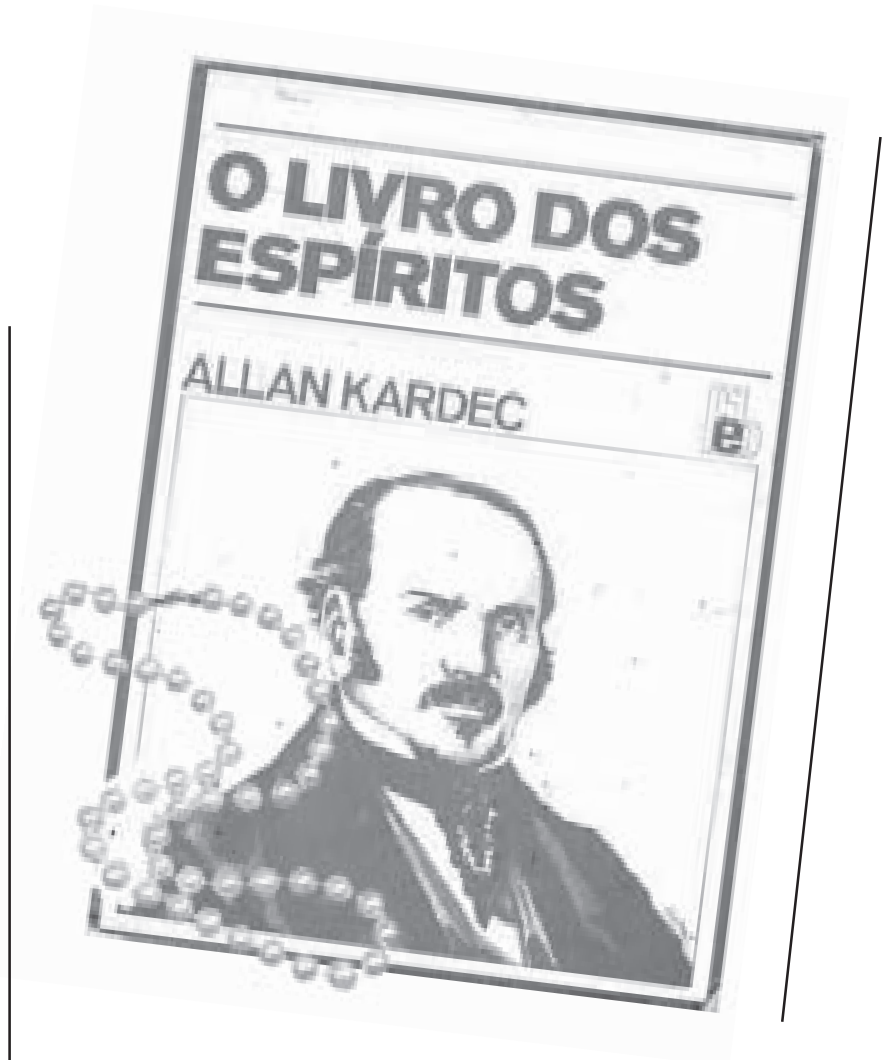
"893. Qual a mais meritória de todas as virtudes? Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade" (**O Livro dos Espíritos**).

Quando entramos em contato com os ensinamentos espíritos, descobrimos muitas orientações e passamos a estudá-las com o objetivo de colocarmos em prática. Portanto, ao lermos a resposta dos imortais na questão acima, notamos que a resistência voluntária aos maus hábitos já é o desenvolvimento de nossas virtudes, porém, a iniciativa deve ser espontânea, isto é, o indivíduo precisa estar consciente do porquê e de que ma-

neira deve realizar tal tarefa, exatamente para não se tornar algo opressivo e tormentoso, vez que nas lides espíritos é comum a seguinte afirmativa: "reconhece-se o

verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas más inclinações".

Para compreendermos tal afirmativa sem equívocos, precisamos de alguns esclarecimentos, tais como: (a) existe um Deus infinitamente justo e bom regendo o Universo; (b) somos seres imortais criados simples e ignorantes com potencialidades a se desenvolverem. ▶



Quando entramos em contato com os ensinamentos espíritos, descobrimos muitas orientações

rem até atingirmos a perfeição; (c) colhemos no futuro o que plantarmos no presente, lei de causa e efeito; (d) convivemos com as pessoas e situações que necessitamos para evoluir; (e) tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo; e (f) nada é por acaso, todos colaboramos de alguma forma com a obra da Criação.

Na posse de tais conhecimentos, poderemos de forma consciente trabalhar contra nossas más inclinações promovendo a virtude. Entretanto, para atingirmos a sublimidade das virtudes, sacrificando o interesse pessoal pelo bem do próximo, precisamos ter vontade, nos disciplinando pouco a pouco, exercitando a renúncia, a abnegação, o desprendimento, o devotamento, para que, paulatinamente, sejamos praticantes das virtudes almejadas, de forma espontânea, executando a mais desinteressada caridade.

A Casa Espírita pode nos ofertar, neste campo, vastíssimas oportunidades, pois, além de fornecer os esclarecimentos sobre o Espiritismo, proporciona àqueles que a freqüentam possibilidades do exercício das virtudes, oferecendo permanentes tarefas de benemerência. Aqueles que já labutam na causa do bem sabem o quanto é importante filiar-se a esta obra, porquanto, as pessoas que convivem conosco, os familiares, amigos, etc., percebem os resultados de nossa transformação ao constatar nossa tolerância, respei-

to, desprendimento das coisas fúteis e, naturalmente, se sentirão motivados ao trabalho cristão.

Atente-se: para toda jornada sempre existe o primeiro passo, se temos Jesus como guia e modelo,

que exemplificou a mais desinteressada caridade, amando sem querer nada em troca, comecemos hoje dando os primeiros passos para um dia chegarmos em tal estágio evolutivo! ■

...colhemos no futuro o que plantamos no presente, lei de causa e efeito...



Água Fluidificada? Jamais!!!

por Teddy Nilson - Campinas/SP

Há alguns anos, uma senhora mudou-se com sua família para a nossa rua e veio pedir informações sobre o Centro Espírita que freqüentávamos. Dizia ela que sempre simpatizou com a Doutrina Espírita, porém na cidade pequena de onde

viria a ter enorme decepção dentro daquela Casa de caridade que aprendi a amar. Tudo estava indo tão bem, pois até consegui levar meu marido e dois filhos para as palestras de domingo de manhã e eu já estava freqüentando o primeiro ano de um dos cursos. Ali estava aprendendo

água, reservando o restante para o filho com o problema. E foi a partir desse momento que se deu o desastre: todos nós tivemos desarranjo intestinal, fazendo fila na porta do banheiro! Meu sogro, coitado, foi o que mais sofreu... ficou dois dias internado, completamente desidratado! Posso não estar certa, mas acredito que os espíritos exageraram na dose do laxante! De agora em diante, farei tudo o que me recomendarem, mas água fluidificada... nunca mais! Já vi que ela se constitui em grande perigo!

Procurei acalmá-la e esclarecê-la dizendo-lhe que jamais os espíritos fariam tal coisa e que a água fluidificada é semelhante a um remédio, portanto não devemos abusar de sua utilização, nem empregá-la indiscriminadamente. No livro Fluidos e Passes vemos que "a água fluidificada pode adquirir qualidades poderosas e eficientes para reorganizar as funções do corpo físico. Ao ser ingerida ela é metabolizada pelo organismo que absorve suas energias e passam a atuar à semelhança de medicamento homeopático. É excelente nos estados nervosos ou de dores, na debilidade causada por enfermidade física, nos desgastes causados por processo obsessivo, quando há lesões nos tecidos de órgãos internos. Quando é fluidificada para uso de muitas pessoas terá ação reconfortadora e tonificante, e quan-

"a água fluidificada pode adquirir qualidades poderosas e eficientes para reorganizar as funções do corpo físico"

ela viera, existia apenas um Centro que se dizia espírita, mas que na verdade era uma mistura de várias religiões. Cultuavam imagens, queimavam velas e incenso e cobravam taxas para certos trabalhos, enfim, cultos exteriores, rituais e cobrança monetária, tudo bem longe do estudo das obras que Kardec nos deixou.

Falamos sobre os cursos e trabalhos espirituais do nosso centro e lhe indicamos os dias e horários para as entrevistas. Essa senhora passou a freqüentar palestras e trabalhos de vibrações abertos ao público e afirmava gostar muito, sendo essa a razão da sua assiduidade.

Tendo decorrido algum tempo, ela veio muito desapontada nos falar:

- Jamais iria supor que um dia

estava aprendendo sobre a importância da prece diária, da reforma moral e do Evangelho no Lar e passei a realizá-lo uma vez na semana.

Como meu filho mais velho sofria muito de prisão de ventre, desde que nascera, e já havia feito inúmeros tratamentos médicos sem obter resultado, levei-o para uma entrevista e dentre todas as orientações recebidas havia aquela para fluidificar um copo de água durante o Evangelho no Lar, e fazer uso dela todos os dias antes das refeições. Pensei em fluidificar logo uma jarra, assim ele poderia tomá-la como fora indicado e todas as vezes em que sentisse sede.

Meu marido comentou que fora ótima a idéia e no término do Evangelho, todos fizeram uso daquela

do para determinada pessoa, só por ela deve ser usada, pois adquire propriedades especiais nem sempre aplicáveis a outrem."

-Está vendo como eu tenho razão, foi isso que aconteceu, todos nós bebemos dessa água e deu no que deu. Ai meu Deus! Que decepção, exageraram na dose do laxante como eu tinha pensado.

-Engano seu minha senhora, orientaram para fluidificar apenas um copo e a senhora encheu uma jarra, os espíritos com certeza previram que pela quantidade, todos iriam tomá-la e tiveram o cuidado de colocar nela apenas um tonificante.

Convidei-a a examinar o caso com mais cuidado e perguntei-lhe:

Qual foi o tipo de alimento servido no almoço e jantar daquele dia?

Pensou, pensou e respondeu meio desconsertada:

-Ah... foi um alimento que minha família aprecia muito, rabada com molho de tomate bem apimentado e apesar de estar muito gordurosa, co-

memos no almoço e jantar sem sobrar nada. Aliás, o meu pessoal costuma comer com exagero, são muito gulosos e como o dia estava muito quente de sobremesa comemos melancia e mamão bem gelados.

Antes que eu pudesse argumentar, ela cobriu o rosto com as mãos e falou com voz entrecortada:

-Meu Deus! Coitados dos espíritos, não tiveram culpa alguma, e eu pensando mal deles, dizendo que haviam exagerado na dose do medicamento, como pude me enganar de forma tão infantil? A culpa toda foi minha, deveria ter escolhido outro tipo de alimento para um dia tão quente como aquele.

Redargüi: é por esse motivo que "a fluidificação da água na casa espírita é feita apenas para os casos de maior necessidade. Ela não deve ser uma prática usual e rotineira, nem se destinar a todos de modo geral. Se for dessa maneira, poderá ocasionar muitos inconvenientes como: a dependência por esse recurso fluídico; que todos queiram recebê-la sem necessidade; acarretar trabalho para higienizar os copos de vidro ou gastos com copinhos plásticos se a água for distribuída a todos" e acontecimentos semelhantes ao seu, se alguém vier a se sentir mal e relacioná-lo com a água que tomou no centro.

Para termos equilíbrio espiritual e físico, as nossas ações não devem ultrapassar certos limites. Nós, mães de família ou donas de casa, temos enorme responsabilidade no sentido de auxiliarmos aqueles que convivem conosco a manter hábitos

sadios, começando pelas refeições que devem ser nutritivas e saudáveis, sempre condizentes com as estações do ano. Exemplo: jamais fazer uso de alimentos fortes e pesados nos dias quentes de verão ou leves e fracos no inverno, para evitarmos certas disfunções em nosso organismo.

Referindo-nos à gula, ela é um vício nocivo que devemos combater. Imaginemos a sobrecarga de trabalho que os nossos órgãos são obrigados a desenvolver desnecessariamente, apenas para satisfazer o exagerado prazer da gustação. Todo excesso de trabalho leva ao desgaste, quer de uma máquina, quer dos órgãos físicos. A gula também é uma manifestação de egoísmo. A porção alimentar que poderia sustentar mais uma ou duas pessoas, é totalmente digerida por apenas uma, com visível prejuízo para a coletividade.

A nossa alimentação diária já é excessiva, todos nós normalmente ingerimos mais do que o necessário. Grandes quantidades de alimentos ingeridos não significam ter boa saúde. Nosso corpo físico representa valiosa ferramenta de trabalho que o Pai Criador nos concede para evoluirmos a cada encarnação, assim como todos os recursos fluídicos que existem para nos auxiliar.

As pessoas enfermas devem, em primeiro lugar, seguir sempre as recomendações médicas, e nada impede que ao lado destas, utilizem-se da água fluidificada, do passe e principalmente da prece que nos fortalece, consola e orienta. ■



Um exemplo de que a Doutrina é dos Espíritos

por Alexandre Fontes da Fonseca - Brotas/SP

Lemos no décimo parágrafo da Introdução de O Livro dos Médiuns¹ os seguintes esclarecimentos do Codificador: "Esta segunda edição foi bem melhorada, apresentando-se mais completa do que a primeira. **Foi corrigida com especial cuidado pelos Espíritos**, que lhe acrescentaram grande número de observações e instruções do mais alto interesse. Como eles reviram tudo, aprovando ou modificando à vontade, podemos dizer que **ela é, em grande parte, obra deles.**" (grifos, em negrito, nossos).

Essa é a razão pela qual aprendemos que a Doutrina é dos Espíritos e não de Kardec. Por essa razão é que a palavra "kardecismo" não é apropriada para apresentar o Espiritismo pois o sufixo "ismo" significa "doutrina de" e, como vimos acima, o conteúdo da Doutrina foi totalmente revisto pelos Espíritos, sendo deles a responsabilidade maior.

Se, por um lado, em grande parte, a obra é deles, o papel de Kardec na codificação não pode ser desprezado. Kardec possui o que poderíamos chamar de sinceridade científi-

ca onde ele verdadeiramente investigava os fenômenos sem se deixar levar por modismos nem preconceitos, que a crítica de outros intelectuais poderia gerar. Seus conheci-

mentos na área da Educação o ajudaram a apresentar o Espiritismo de modo sério e didático, sempre se preocupando com o processo de ensino da Doutrina Espírita aos interessados em conhecê-la².

Entretanto, nossa intenção aqui é destacar um exemplo em que claramente a opinião pessoal de Kardec não influenciou a explicação de uma importante e fundamental característica do perispírito. Esse ensinamento consta do item 56 de O Livro dos Médiuns. Neste item Kardec diz: "A forma humana, com algumas diferenças de detalhes e as modificações orgânicas exigidas pelo meio em que o ser tem de viver, é a

mesma em todos os globos. **É, pelo menos, o que dizem os Espíritos.**" (grifos, em negrito, nossos).

Destacamos a última frase porque ela reflete o sentimento de

... a Doutrina é dos Espíritos e não de Kardec

Kardec com relação a esse ensinamento. Numa primeira leitura, parece que Kardec não concordou com a afirmativa de que a forma humana é a mesma em todos os globos (exceto por detalhes, como dito acima). Para tentarmos entender como Kardec analisava esse tipo de questão, lembremos o valor que ele atribuía aos fatos na confirmação de qualquer hipótese científica, o que pode ser verificado na leitura do segundo parágrafo do item VII da introdução de O Livro dos Espíritos³: "Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem pon-

[1] A. Kardec, O Livro dos Médiuns, 1ª Edição, Edições FEESP (1984).

[2] Ver o capítulo III da primeira parte de O Livro dos Médiuns.

[3] A. Kardec, O Livro dos Espíritos, Editora FEB, 76a Edição, (1995).

derado." Como Kardec poderia constatar que a forma humana é a mesma em todos os globos se lhe faltavam os fatos para essa constatação? No homem ponderado, a dúvida se justificaria com relação a essa questão. Isso explica o fato de Kardec usar a expressão "pelo menos" na frase acima destacada, pois ele seria incapaz de verificar a veracidade da afirmativa sobre a forma humana dos seres inteligentes em outros mundos.

O que Kardec fez, então? Ele acionou o outro critério muito importante para analisarmos a validade de qualquer ensinamento ou comunicação mediúnica: o consenso universal! O consenso universal consiste em somente considerar válida alguma revelação dos Espíritos, quando o mesmo conteúdo for recebido por vários médiuns, de vários lugares, por Espíritos diferentes. Kardec mostra que a afirmativa sobre a forma humana dos seres inteligentes em outros mundos decorre dos ensinamentos dos Espíritos e não de um único Espírito! Com base no que transcrevemos da Introdução de O Livro dos Médiuns, percebemos claramente que essa afirmativa foi mantida no item 56 porque os Espíritos assim o quiseram.

A frase em negrito acima destacada revela dois ensinamentos importantes. Primeiro, isso exemplifica o fato de que a Doutrina não é de Kardec, e sim dos Espíritos. Se a Doutrina fosse de Kardec, pela sua sinceridade científica, jamais a afirmativa sobre a forma humana dos seres inteligentes de outros globos teria sido publicada. Segundo, esse é um bom exemplo, tanto do uso correto do consenso universal,



A forma humana, com algumas diferenças de detalhes, é a mesma em todos os globos

quanto da ocasião em que é necessária, qual seja, diante de uma afirmativa que nosso bom-senso não pode avaliar.

Por isso é que em toda Casa Espírita séria seus colaboradores sempre fazem uma análise minuciosa, à luz da razão, de toda mensagem que chegar pela via mediúnica. Toda vez que o conteúdo de uma mensagem mediúnica representar ensinamento

novo ou diferente do que já é bem conhecido pela Ciência ou pela Doutrina Espírita, este deverá aguardar futuras confirmações seja da parte da Ciência ou dos Espíritos, de acordo com o critério do consenso universal. ■

Chico Xavier e os originais dos Livros Mediúnicos

por Suely Caldas Schubert

7-12-1943

Wantuil estava há pouco na Presidência, à qual ascendera em vista da sua escolha após a desencarnação, a 26-10-1943, do Dr. Luiz Olímpio Guillon Ribeiro. Wantuil era o Gerente do “Reformador”. Chico

mais interessante que a Federação os guarde nos arquivos da Casa. Fico muito grato ao seu carinho. Havia pedido a restituição dos mesmos, porque tendo tido necessidade em 1942 de rever algumas páginas de



Chico Xavier não é apenas o médium, mas também o zeloso guardião desse tesouro espiritual

Xavier dirige-lhe palavras de estímulo, referindo-se ao apoio que está dando o novo Presidente ao programa do Esperanto, a cargo de Ismael Gomes Braga, que, por isso, sente-se muito feliz. Chico agradece, ou-trossim, o envio do primeiro número de “Reformador” da edição, já sob a responsabilidade do novo Presidente, e que contém palavras referentes à desencarnação de seu antecessor, cujo retrato foi estampado na primeira página. As referências de Chico Xavier a Guillon são muito carinhosas: “generoso orientador que nos antecedeu na grande jornada”).

“(…) Relativamente aos originais dos nossos humildes trabalhos mediúnicos, para mim será muito

“Paulo e Estevão”, pedi à Livraria que me emprestasse o original do livro, crendo que estivessem sendo arquivados, mas fui informado de que os originais, após a publicação, eram inutilizados. Felizmente, ainda tínhamos aqui uma cópia que descobri, depois, por ter sido guardada por um companheiro de doutrina, que muito me ajuda no serviço de datilografia e pude, assim, fazer a consulta. Desde então, pedi ao nosso amigo Sr. Carvalho que me enviasse os originais de que não precisasse, porque ficariam guardados conosco. Tenho aqui apenas o original de “Renúncia”, porque os anteriores a esse livro não foram arquivados. O meu amigo daqui, porém, ao qual já me referi linhas acima, tem cópias a carbono e isso me ale-

gra porque tinha receio de não ficarmos com cópia alguma dos trabalhos, senão as publicações. Já que Você, porém, quer fazer o grande obséquio de arquivar aí os originais, creia, meu bom Wantuil, que isto me alegra e conforta muitíssimo. Não digo isto por mim, pois bem sei que de nada valho, mas é que a obra de Emmanuel costuma ser atacada, de vez em quando, pela ignorância de algumas criaturas sem a claridade do Evangelho e será sempre útil que tenhamos esses originais em mãos para qualquer exame, não acha Você? (...)”

Chico Xavier não é apenas o médium, o meio para a comunica-

ção dos Benfeitores Espirituais, mas, também, o zeloso guardião desse tesouro espiritual, atento e vigilante em todos os instantes, para que a obra não seja atingida.

O mandato mediúnico e, no caso de Chico Xavier, o mediumato, é muito mais abrangente do que se poderia supor. O mediumato confere ao médium a responsabilidade de ser co-partícipe de toda uma planificação do Mundo Maior. Ele não será somente o instrumento, mas parte integrante de um programa que a Espiritualidade Superior traçou, portanto, plenamente identificado com os objetivos a serem alcançados e pelos quais labora de comum acordo e sintonia com os que, na esfera espiritual, também sejam partes dessa programação. O médium torna-se o representante dos Espíritos Benfeitores no plano terrestre. Assim, desde o instante em que os ensinamentos também vertem do Mais Alto e pelos canais

Essa é a primeira carta, sob nosso exame, da correspondência entre Chico Xavier e Wantuil de Freitas, no decorrer dos anos em que este ocupou o cargo de Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Quando Chico Xavier endereçou-a a Wantuil de Freitas, este acabara de assumir a Presidência. Dirige-lhe então palavras de estímulo.

Na realidade, Chico está saudando em Wantuil de Freitas o companheiro que assumira, juntamente com ele, a grandiosa tarefa de difundir o livro espírita em nosso país. A nobre tarefa do livro – a qual ambos se comprometeram, ainda no Plano Espiritual Maior, a desenvolver na Pátria do Evangelho.

Wantuil de Freitas chega na hora certa à Presidência da Casa de Ismael. O trabalho mediúnico de Chico Xavier se ampliava. A partir daquela data, livros e mais livros sairiam de suas mãos abençoadas, transmitidos pelos Espíritos de Luz,

Para isto, a figura de Wantuil de Freitas é peça essencial nessa grandiosa programação. É o homem talhado para abrir o caminho e implantar definitivamente a estrutura que os Altos Planos Espirituais requeriam.

É o programa de Ismael – o Guia Espiritual do Brasil – a se ampliar.

Atendendo ao seu chamado, vários obreiros disseram “presente” e colocaram mãos à charrua para a edificante tarefa da sementeira de luz.

Por certo que Chico Xavier se sente feliz e sossegado quando reconhece em Wantuil aquele coração amigo e companheiro do seu, ao qual poderia entregar o imensurável tesouro que Ismael lhe confiara. Sabe ele, Chico, que há agora uma equipe a postos, unindo esforços nos dois planos da vida, sob a tutela de Emmanuel, garantindo assim o êxito da tarefa do livro espírita no Brasil.

Chico Xavier fica profundamente feliz, pois entende que Wantuil de Freitas, ao pretender a guarda na Federação dos originais dos livros o está auxiliando a zelar por toda a obra. Em sua característica humildade diz ao final: “Não digo isso por mim, pois bem sei que de nada valho, mas é que a obra de Emmanuel costuma ser atacada, de vez em quando, pela ignorância de algumas criaturas sem a claridade do Evangelho (...).” ■

Fonte:

SCHUBERT, Sueli. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 23-26. Feb. 1998

O mandato mediúnico é muito mais abrangente do que se poderia supor

mediúnicos se expressem nas dimensões terrenas, ele – o médium – torna-se-lhe o guardião, o depositário, que terá, a partir desse momento, de cuidar para que a obra projetada tenha o curso esperado.

Para que isto se dê, evidentemente, outros companheiros são convocados à colaboração entre os encarnados, cada um deles com tarefas definidas e que somarão seus esforços para que o programa seja executado.

para que a missão do Consolador Prometido por Jesus se estendesse e, sobretudo, se tornasse mais acessível a todas as criaturas.

O programa está traçado. Todos seriam atendidos e consolados, independentemente de seu nível sócio-econômico e cultural. Haveria consolo para todos os corações, far-se-ia luz para todas as consciências e a palavra de Jesus prosseguiria ecoando em todos os quadrantes da Terra.

Suicídio Jovem

um problema atual

por Leandro Camargo - Hortolândia/SP

O suicídio de um ser humano, independente de sua idade, é sempre algo chocante e muito triste, especialmente com a visão espírita que aponta conseqüências dolorosas, embora necessárias para esta atitude. Contudo, aparentemente, o suicídio de um jovem causa maior clamor no seio da sociedade.

Esta constatação levou Leonardo Tondo a escrever que "um jovem se jogar do alto ou disparar uma arma contra a própria cabeça choca mais que o mesmo ato cometido por uma pessoa idosa" e que "o suicídio do adolescente é um ato perturbador, que contraria a lógica da sobrevivência da espécie. Tentativas e atos consumados decorrem da depressão e de eventos traumáticos, como fim de namoro, humilhação e fracasso escolar".

Afirmamos desde logo que não coadunamos com afirmações no sentido de que o suicídio de uma pessoa idosa é compreensível, ou que a eutanásia de um enfermo em estado terminal também o é, porém, gostaríamos de nos ater à problemática do suicídio no seio de nossos jovens, pois este é um dado concreto e lamentavelmente crescente nos dias de hoje.

"O suicídio do adolescente é um ato perturbador que contraria a lógica da sobrevivência da espécie. Tentativas e atos consumados decorrem da depressão e de eventos traumáticos, como fim de namoro, humilhação e fracasso escolar"



Dentre os comportamentos considerados suicidas, existe o consumado (que efetivamente ocorreu); a tentativa (também chamada de para-suicídio); o gesto que representa um comportamento inicial e em potencial, mas não chega à tentativa (p. ex. a compra de uma arma); o suicídio parcial, que é muito presente entre os jovens, em que traços de impulsividade se aliam a comportamentos de alto risco, sem que a pessoa busque deliberadamente desencarnar, é o caso de quem dirige de forma irresponsável; entre outros.

A importância dessas classificações é que sugerem diferentes estratégias de prevenção e tratamento, conduzindo, em tese, da diminuição desta mazela que se faz presente de forma tão gritante em nossos dias.

Para se ter uma idéia de quão grande e tormentoso é o suicídio em nossa sociedade, temos que entre as causas de morte nos países ocidentais, este ocupa o 7º ou 8º lugar entre todas as idades e o 2º ou 3º entre os jovens, logo após os acidentes automobilísticos e homicídios. É tão alarmante esta informação, pois nem as doenças são a causa principal dos desencarnes entre os jovens.

Este quadro fático levou a OMS (Organização Mundial de Saúde) a alçar o suicídio juvenil a um tema de preocupação urgente.

Relevante indicar que há diferenças substanciais entre os suicídios de homens e de mulheres, sendo que, para exemplificar esta

assertiva temos a estatística da Unesco e do Ministério da Justiça, ambos no Brasil que, para cada suicídio feminino, existem 3 masculinos.

Temos que apontar recentes estatísticas de suicídios no Brasil. A taxa destes entre jovens brasileiros entre 15 e 24 anos aumentou 10 vezes entre 1980 e 2000, passando de 0,4 a cada 100 mil, para 4, sendo que o acréscimo entre os homens foi de 20 vezes e o de mulheres 4 vezes (dados da OMS, compilados por Carolina de Mello Santos, existentes no livro Suicídio: estudos fundamentais, Segmento Farma, 2004).

CAUSAS

Que a problemática é mais atual do que nunca, os números indicam, entretanto, cumpre-nos analisar quais são as causas deste fenômeno para melhor combatê-lo.

Profissionais da área de saúde mental concordam que certos fato-

Os mais abastados sentem-se frustrados pelo fracasso nos estudos, vestibulares, relacionamentos etc. A única coisa que não se altera é que ambos estão aumentando a estatística deste lamentável ato.

Outras causas podem explicar o autocídio entre os jovens, como as inabilidades emocionais, falta de habilidade para lidar com sentimentos intensos, dentre outros.

A médica Alexandrina Meleiro relembra os ensinamentos de Freud que entendia ser o suicídio uma espécie de "homicídio invertido". Ao tirar sua vida física a pessoa "mataria" o outro que está interiorizado em si mesmo. Seria o que a médica chama de armadilha dos 3 "is": ter a situação como intolerável, inescapável e interminável.

Causa psiquiátrica pre-existente pode, segundo os pesquisadores, representar 90% dos casos de suicídios, com destaque para a depressão que está presente em muitos casos (70%) e a ansiedade (50%).

Causa psiquiátrica pode representar 90% dos casos de suicídios

res, como grande pressão familiar e social por escolha profissional e o aumento da competitividade no mercado de trabalho, tornam os jovens brasileiros vulneráveis ao suicídio. Os mais pobres se deparam com a falta de oportunidade.

A humilhação, seja nas escolas, serviços militar, homossexualismo, é causa ligada ao suicídio com muita frequência.

Observam os estudiosos que nos casos de suicídio um fator é sempre comum: a falta de esperança. ▶



CAIXA DE PANDORA

A última assertiva indicada: nos casos de suicídio um fator é sempre comum: a falta de esperança torna-se possível vislumbrar que a mitologia grega já trabalhava este tema, com o mito da Caixa de Pandora.

GOETHE E A INFLUÊNCIA COLETIVA

Malgrado o suicídio seja um ato individual, alguns dados indicam que possa existir influências de eventos que não lhe digam respeito diretamente, sendo que já na década de 70, estudos sobre os

efeitos da televisão apontaram um acréscimo no número de suicídios após a veiculação de notícias ou filmes que abordavam o tema, mesmo que de forma educativa.

Diversos exemplos desse fenômeno são encontrados. Na Áustria, o número de indivíduos que se jogavam sob trens aumentou

Na Áustria, o número de indivíduos que se jogavam sob trens aumentou...



Johann Wolfgang von Goethe



depois que um programa de TV no qual os maquinistas expressavam o medo de presenciar tal ato.

Esta influência coletiva, embora careça de estudos mais aprofundados, é conhecida como "efeito Werther". A expressão é oriunda do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicado em 1774, de autoria de Goethe. Trata-se de um romance no qual um jovem apaixonado e rejeitado se "matava" com um tiro e, muitos adolescentes à época se suicidaram após a leitura do mesmo, valendo destacar que Goethe escrevera tal romance para inibir atos semelhantes ao do protagonista.

INDÍCIOS E PRECAUÇÕES

Todas as causas apontadas acima devem servir como sinais de alarme para os pais, amigos, professores, esposos (as) para identificar um suicida em potencial, podendo, assim, conduzir a pessoa para tratamentos adequados, com psiquiatras, psicólogos, grupos de apoio, religião, etc.

Ao lado dessas causas, a observância de atitudes depressivas unidas à raiva, irritabilidade, medo, tendência ao isolamento, mau desem-

penho escolar, podem criar idéias suicidas, especialmente se o jovem faz uso de substâncias entorpecentes ou passou por recentes situações de estresse.

Idéias agudas e freqüentes de suicídio podem exigir tratamento farmacológico e até sedativo.

A depressão é assunto sempre presente neste tema, mas o tratamento com antidepressivos pode não conceder melhores resultados, ao contrário, quando a depressão é o núcleo da idéia suicida os antidepressivos podem estimular (encorajar) o indivíduo a consumir o ato.

CONTRIBUIÇÃO ESPÍRITA E RELIGIOSA

As religiões, com exceção de algumas seitas fundamentalistas islâmicas, condenam o suicídio, cada qual com uma razão, ou expli-

cação consentânea com seus ensinamentos, podendo ser utilizadas no tratamento preventivo a este ato danoso ao ser humano, destacando que pode ser utilizada como apoio aos tratamentos clínicos, especialmente para os casos mais graves, nunca de forma isolada, como solução única e definitiva.

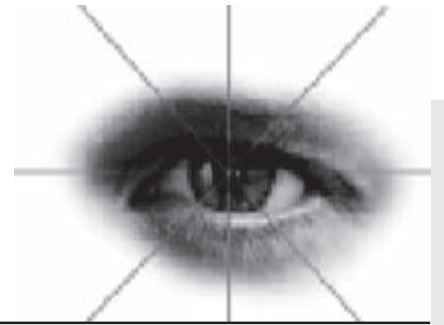
Vale citar o pensamento de Santo Agostinho que condena o suicídio. Como vivia no seio da igreja católica, Santo Agostinho para taxar de equivocado o suicídio, devia dar este um caráter pecaminoso e, a igreja, ainda mais àquela época, tinha como pecado os atos contrários aos 10 mandamentos. Neste contexto, o mesmo desenvolveu o seguinte raciocínio: o autocídio viola o 5º mandamento ("Não matarás"), mas neste caso a vítima e o algoz são as mesmas pessoas.

A Doutrina Espírita traz valiosas

O Espiritismo recomenda a oração pelos suicidas, pois é ciente dos benefícios da prece



contribuições para a análise do tema, a saber: (a) o suicídio não se enquadra como prova ou expiação no cumprimento dos desígnios divinos; (b) Deus respeita o livre-arbítrio de toda criatura. Com essa experiência o Espírito aprende e progride, mesmo que de maneira dolorosa; (c) ao contrário do que pensam diversas religiões e doutrinas filosóficas, o Espiritismo recomenda a oração pelos suicidas, pois é ciente dos benefícios da prece. Divaldo P. Franco orou por um suicida que nem conhecia por mais de 15 anos e como podemos constatar no livro *O Semeador de Estrelas*, no capítulo denominado "O Suicida do Trem", pôde verificar as conseqüências proveitosas de seu ato, perseverante e sincero; (d) o suicida será beneficiado por suas ações caridosas que praticou enquanto encarnado, pois todo ato benéfico praticado em sua roagem terrena, também irá ajudá-lo no plano espiritual; (e) a Providência Divina possui outros recursos em prol dos suicidas, além da prece, bem como dispõe de recursos para a prevenção do ato impensado. Os amigos, portadores dos conhecimentos expostos, poderão demonstrar o efetivo valor da vida, buscando levar a pessoa transtornada a uma reflexão ou até mesmo a uma prece em busca de socorro, e sabemos, não há prece sincera que fique sem resposta. As mensagens esposadas nos mais diversos livros da literatura espírita podem servir de grande consolo e instrução ao candidato ao autocídio, que passará a ser portador da idéia de que, se o suicida pudesse entrever o sofrimento que procede no além-túmulo, desistiria de praticar este ato que faz sofrer a ele e aos que ficam.



VISÃO ESPÍRITA

EXEMPLO DE "O CÉU E O INFERNO"

A Codificação Kardequiana traz inúmeros ensinamentos acerca do tema em comento, com destaque para a obra *O Céu e o Inferno*, sendo que desta, vale ser transcrito um trecho para ilustrar tópicos aqui abordados:

"DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER. É de um jornal de 13 de junho de 1862 a seguinte narrativa: 'A jovem Palmyre, modista, residindo com seus pais, era dotada de aparência encantadora e de caráter afável. Por isso, era, também, muito

rival. Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos, e posto não houvesse entre eles quaisquer relações de interesse, jamais deixaram de se avistar. O amor recíproco de B... e Palmyre, que passou a ser a Sra. D..., de modo algum se atenuara, e como se esforçassem ambos por contê-lo, aumentava-se ele de intensidade na razão direta daquele esforço. Visando extingui-lo, B... tomou o partido de se casar, e desposou, de fato, uma jovem possuidora de eminentes predicados, fazendo o possível por amá-la. Cedo, contudo, percebeu que esse meio heróico lhe fora inútil à cura. Decorreram quatro anos sem que B...

O espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento

requestanda a sua mão. Entre todos os pretendentes ela escolheu o Sr. B..., que lhe retribuía essa preferência com a mais viva das paixões. Não obstante essa afeição, por deferência aos pais, Palmyre consentiu em desposar o Sr. D..., cuja posição social se afigurava mais vantajosa àqueles, do que a do seu

ou a Senhora D... faltassem aos seus deveres. O que padeceram, só eles o sabem, pois D..., que estimava deveras o seu amigo, atraía-o sempre ao seu lar, insistindo para que nele ficasse quando tentava retirar-se. Aproximados um dia por circunstâncias fortuitas e independentes da própria vontade, os dois

amantes deram-se ciência do mal que os torturavam e acharam que a morte era, no caso, o único remédio que se lhes deparavam. Assentaram que se suicidariam juntamente, no dia seguinte, em que o Sr. D... estaria ausente de casa mais prolongadamente. Feitos os últimos aprestos, escreveram longa e tocante missiva, explicando a causa da sua resolução: para não prevaricarem. Essa carta terminava pedindo que lhes perdoassem e, mais, para serem enterrados na mesma sepultura. De regresso a casa, o Sr. D... encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes os últimos desejos, e, assim, não consentiu fossem os corpos separados no cemitério. Sendo esta ocorrência submetida à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, um Espírito respondeu: Os dois amantes suicidas não vos podem responder ainda. Vejo-os imersos na

perturbação e aterrorizados pela perspectiva da eternidade. As conseqüências morais da falta cometida lhes pesarão por migrações sucessivas, durante as quais suas almas separadas se buscarão incessantemente, sujeitas ao duplo suplício de se pressentirem e desejarem em vão. Completa a expiação, ficarão reuni-

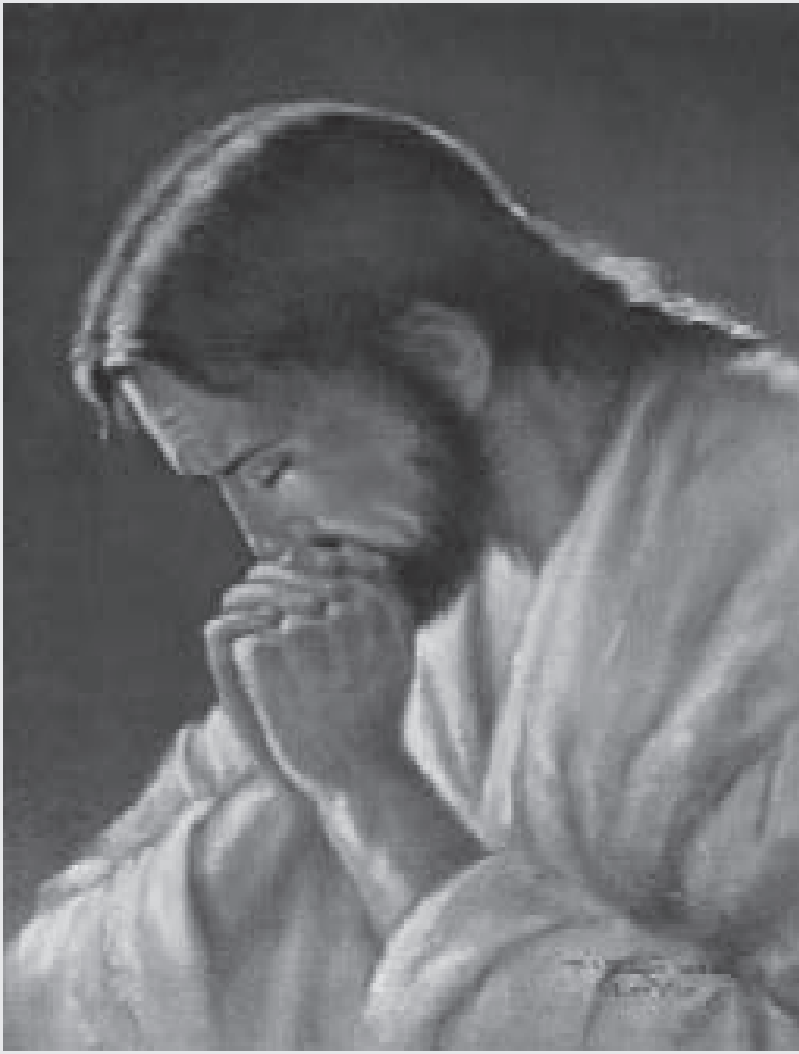
nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. Que noite! Que noite! E que véu espesso me circunda a fronte! 2. Que sensação experimentastes ao despertar no outro mundo? - R. Singular! Tinha frio e escaldava. Tinha gelo nas veias e fogo na fronte! Coisa estranha, conjunto inau-

Coisa estranha, conjunto inaudito! Fogo e gelo pareciam consumir-me!

dos para sempre, no seio do amor eterno. Dentro de oito dias, na próxima sessão, podereis evocá-los. Eles aqui virão sem se avistarem, porque profundas trevas os separarão por muito tempo. 1. Evocação da suicida. - Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes? - R. Nada vejo,

dito! Fogo e gelo pareciam consumir-me! E eu julgava que ia sucumbir uma segunda vez!... 3. Experimentais qualquer dor física? - R. Todo o meu sofrimento reside aqui, aqui... - Que quereis dizer por aqui, aqui? - R. Aqui, no meu cérebro; aqui, no meu coração...





Os vossos sofrimentos terão um termo, que os podereis abreviar pelo arrependimento

É provável que, visível, o Espírito levasse a mão à cabeça e ao coração. 4. Acreditais na perenidade dessa situação? - R. Oh! sempre! sempre! Ouço às vezes risos infer-

nais, vozes horrendas que bradam: sempre assim! 5. Pois bem: podemos com segurança dizer-vos que nem sempre assim será. Pelo arrependimento obtereis o perdão. - R. Que

dizeis? Não ouço. 6. Repetimos que os vossos sofrimentos terão um termo, que os podereis abreviar pelo arrependimento, sendo-nos possível auxiliar-vos com a prece. - R. Não ouvi além de sons confusos, mais que uma palavra. Essa palavra é: - graça! Seria efetivamente graça o que pronunciastes? Falastes em graça, mas sem dúvida o fizestes à alma que por aqui passou junto de mim, pobre criança que chora e espera. Uma senhora, presente à reunião, declarou que fizera fervorosa prece pela infeliz, o que sem dúvida a comoveu, e que de fato, mentalmente, havia implorado em seu favor a graça de Deus. 7. Dissestes estar em trevas e nada ouvir? - R. É-me permitido ouvir algumas das vossas palavras, mas o que vejo é apenas um crepe negro, no qual de vez em quando se desenha um semblante que chora. 8. Mas uma vez que ele aqui está sem o avistardes, nem sequer vos apercebeis da presença do vosso amante? - R. Ah! não me faleis dele. Devo esquecê-lo presente-mente para que do crepe se extinga a imagem retratada. 9. Que imagem é essa? - R. A de um homem que sofre, e cuja existência moral sobre a Terra aniquilei por muito tempo. Da leitura dessa narrativa logo se depreende haver neste suicídio circunstâncias atenuantes, encarado como ato heróico provocado pelo cumprimento do dever. Mas reconhece-se, também, que, contrariamente ao julgado, longa e terrível deve ser a

pena dos culpados por se terem voluntariamente refugiado na morte para evitar a luta. A intenção de não faltar aos deveres era, efetivamente, honrosa, e lhes será contada mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria na resistência, tendo eles procedido como o desertor que se esquiva no momento do perigo. A pena consistirá, como se vê, em se procurarem debalde e por muito tempo, quer no mundo espiritual, quer noutras encarnações terrestres; pena que ora é agravada pela perspectiva da sua eterna duração. Essa perspectiva, aliada ao castigo, faz que lhes seja defeso ouvirem palavras de esperança que porventura lhes dirijam. Aos que acharem esta pena longa e terrível, tanto mais quanto não deverá cessar senão depois de várias encarnações, diremos que tal duração não é absoluta, mas dependente da maneira pela qual suportarem as futuras provações. Além do que, eles podem ser auxiliados pela prece. E serão assim, como todos, os árbitros do seu destino. Não será isso, ainda assim, preferível à eterna condenação, sem esperança, a que ficam irrevogavelmente submetidos segundo a doutrina da Igreja, que os considera votados ao inferno e para sempre, a ponto de lhes recusar, com certeza por inúteis, as últimas preces?"

CONCLUSÃO

A Doutrina Espírita juntamente com a mensagem cristã é remédio contra o autocídio e a loucura, como bem leciona O Evangelho Segundo o Espiritismo: "a calma e a resignação adquiridas numa maneira de encarar a vida terrena e a fé no futuro dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo da loucura e do suicídio" .

A certeza na vida futura; a compreensão de que o sofrimento é sempre passageiro; a paciência e a resignação, são qualidades que, de maneira natural, afastam a idéia do suicídio.

PARA SABER MAIS:

Allan Kardec - O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V - itens 14/17 - Ed. LAKE.
 Allan Kardec - O Céu e o Inferno - 2ª Parte - cap. V - Ed. LAKE.
 Allan Kardec - O Livro dos Espíritos - questões 943/957.
 Camilo Castelo Branco/Yvonne A. Pereira - Memórias de Um Suicida - Ed. FEB.
 Suely Caldas Schubert - O Semeador de Estrelas - caps. 9, 22 e 24 - Ed. LEAL.
 Hilário Silva/Francisco C. Xavier - A Vida Escreve - cap. 2 - p. 24 - 4ª edição - Ed. FEB.
 Celso Martins - Suicídio O Espiritismo esclarece - Ed. DPL.

O PASSE: Conceito e Função

por Wellington Santiago - Campinas/SP

O passe é uma transfusão de fluidos de um ser para outro, encarnado ou não. Emmanuel o define como uma transfusão de energias “fisiopsíquicas”. Beneficia quem o recebe, porque oferece novo contingente de fluidos bons e modifica para melhor os fluidos já existentes, saneando-os e fortalecendo-os.

Emmanuel o considera “equilibrante ideal da mente, apoio eficaz de todos os tratamentos” e compara a sua ação a do antibiótico e à da assepsia, que servem ao corpo, frustrando instalações de doenças.

SEU MECANISMO

Constantemente, estamos irradiando e recebendo fluidos do ambiente que habitamos e dos seres (encarnados ou não) com que convivemos, numa transmissão natural e automática.

O passe, porém, é uma transfusão feita com intenção e propósito. Quem o aplica atua deliberadamente.

Para que o passe alcance seu melhor resultado, é necessário:

1) Que o passista use o pensamento e a vontade, a fim de cap-

tar os fluidos, emití-los e fazê-los convergir para o assistido;

2) Que haja um clima de confiança entre o socorrista e o necessitado, a fim de se formar um elo de força entre eles, pelo qual “verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um ou de outro”;

3) Que o paciente esteja receptivo, para que sua mente adquira idéia de trabalho restaurativo e comece a sugerí-lo em todas as células do corpo físico; então, irá assimilando os recursos vitais que estiver recebendo e, pelas várias funções do sangue, o reterá na própria constituição fisiopsíquica-somática.



O PASSE AO LONGO DA HISTÓRIA

O passe não surgiu com o Espiritismo, não é uma criação da Doutrina Espírita.

Esse meio de socorrer os enfermos do corpo e da alma já era conhecido e empregado na Antigüidade.

Jesus o utilizou, “impondo as mãos” sobre os enfermos e os perturbados espiritualmente, para beneficiá-los. E ensinou essa prática aos seus discípulos e apóstolo- ▶

los, que também a empregaram, largamente, como vemos em “Atos dos Apóstolos”.

Ao longo dos tempos, o passe continuou a ser usado, sob várias denominações e formas, em todo mundo, ligado ou não a práticas religiosas.

No século anterior a Kardec, tudo o que então se conhecia sobre fluidos e como empregá-los estava consubstanciado no Magnetismo, de que o médico austríaco Mesmer foi o grande expoente, beneficiando muitos enfermos. Mas havia, ainda, muita ignorância sobre o que fossem os fluidos e a forma de sua transmissão.

A codificação da Doutrina dos Espíritos, pos Allan Kardec, permitiu enterdermos melhor o processo pelo qual o ser humano influencia e é influenciado fluidicamente, tanto no plano material como no espiritual.

Na atualidade, o passe continua a ser empregado por outras religiões, que o apresentam sob nomes e aparências diversas (bênção, unção, benzedura, etc.).

É no meio espírita, porém, que o passe se encontra melhor compreendido e mais largamente difundido e utilizado. Nele, o passe que Jesus ensinou e exemplificou veio a se tornar uma das principais práticas de ação fluídica. Nada mais natural, pois o Espiritismo é a revivescência do puro cristianismo.

TIPOS DE PASSES

Em relação ao seu agente, o passe pode ser classificado em:

1) MAGNÉTICO

Quando ministrado somente com os recursos fluídicos do próprio passista (magnetismo humano).

2) ESPIRITUAL

Quando ministrado pelos Espíritos unicamente com seus próprios fluidos (magnetismo espiritual), sem o concurso de médium passista.

Os Espíritos agem com observância da sintonia e considerando os méritos ou necessidade do paciente (que, às vezes, nem percebe ter sido beneficiado).



Ao longo dos tempos, o passe continuou a ser usado sob várias denominações e formas

3) HUMANO-ESPIRITUAL

Quando os Espíritos combinam seus fluidos com os do passista, dando-lhes características especiais (também chamado de magnetismo misto).

O concurso dos espíritos poderá ser espontâneo ou provocado pelo passista, com uma prece ou simplesmente num propósito (que equivale a apelo íntimo). Essa influência é sempre desejável pois: “O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado de impurezas físi-

cas ou morais do encarnado enquanto o dos bons espíritos é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas que acarretam uma cura mais pronta.” (Revista Espírita set. / 1865 “Da Mediunidade Curadora”).

4) MEDIÚNICO



Quando os Espíritos atuam através de um médium.

O fluido dos bons Espíritos “passando através do encarnado, pode alterar-se um pouco” (como

bom e mesmo necessário o passista atuar inteiramente mediunizado.

Mas, nos serviços comuns de passe num Centro, isso não é aconselhável, porque:

a) Nem sempre o assistido está preparado para presenciar manifestações mediúnicas e poderá se impressionar mal (mesmo que o comunicante chegue a falar qualquer palavra).

b) Poderá causar (aos olhos dos assistidos) uma diferenciação entre os passistas, o que não é desejado, porque é desnecessária e prejudicial.

c) Poderá se estabelecer diálogo entre espírito e assistido e:

- Não haverá o dirigente para controlar e orientar o intercâmbio e analisar a comunicação;

- Há tendência de se atribuir ao espírito comunicante uma superioridade que ele pode não pos-

Nem sempre o assistido está preparado para presenciar manifestações mediúnicas

água límpida passando por um vaso impuro) “Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade absoluta de trabalhar a sua depuração”. (Revista Espírita set. / 1865 “Da Mediunidade Curadora”).

Haverá ocasiões em que seja

suir (um espírito pode ser bom transmissor de energia mas não ser um instrutor ou orientador);

- O assistido pode acostumar-se mal e querer sempre comunicação verbal durante o passe, mas os espíritos, como sabemos, nem sempre querem ou podem comparecer e se comunicar.

CONCLUSÃO

O passe não é o momento adequado para as manifestações mediúnicas. Quem é médium, além de passista, tem as reuniões apropriadas para dar passividade aos espíritos comunicantes: “Disciplina é a alma da eficiência.” (André Luiz, Conduta Espírita, Cap. 28 – Perante o Passe)

O passe deve ser um momento de paz, tanto para quem recebe como para quem doa as energias restauradoras.

A eficiência do passe estará na razão direta do amor sincero que formos capaz de sentir pela pessoa beneficiada.

Movimentemos as energias em favor dos necessitados, conscientes de que, nesse exercício de doação fraternal estaremos beneficiando a nós próprios.

BIBLIOGRAFIA:

OLIVEIRA, THEREZINHA, FLUIDOS E PASSES, ED. EME, CAPIVARI-SP, 1ª ED., 1995.

EMMANUEL, OPINIÃO ESPÍRITA, CAP. O PASSE.

_____, SEGUE-ME, CAP. O PASSE.

Preleção na Reunião de Passes

por Wellington Santiago - Campinas/SP

Em muitas Casas Espíritas a reunião de passes é a de maior público. O passe realmente é uma atividade abençoada, com amplas possibilidades de trabalho no amor ao irmão necessitado e pela oportunidade de se buscar auxílio.

Vários aspectos podem ser abordados. Deteremo-nos em apenas dois:

- a) A preleção na reunião de passes;
- b) Público presente.

É interessante refletirmos sobre a importância da explanação doutrinária na reunião de passes.

Se há exposição doutrinária, se ganha em oportunidade de esclarecimento ao público. Porém, deve-se analisar qual o momento

adequado para realizar a explanação doutrinária: antes, durante, ou depois do passe. Se o passe é antes da preleção, muitos vão embora e não aguardam a pequena palestra doutrinária. Se o passe é durante, a palestra sofre al-

É interessante refletirmos sobre a importância da explanação doutrinária na reunião de passes



ESTUDO

gum ou um grande prejuízo (para o público e para o expositor). Se o passe é depois, muitos chegam apenas para recebê-lo, desprezando a preleção.

Cada casa tem seu perfil, sua particularidade, seu critério. Por esta mesma razão, cada instituição

público. Se não há abordagem doutrinária, perde-se, porém, esta oportunidade, criando-se dependência do público sem levar-lhe a orientação espírita.

Quanto ao público presente, há sempre alegria em ver a Casa cheia. Mas, reflitamos no seguin-

falar da Doutrina, esclarecer pontos fundamentais, noticiar eventos, motivar ao estudo, ao livro, ao jornal, à revista, convidá-lo a participar das atividades da Casa e do movimento, pois, a orientação espírita é muito mais que um passe. Uma boa palestra, uma abordagem clara, tem mais efeito psicológico em favor do público do que propriamente o passe. Nossa abordagem não visa desvalorizar o passe, ao contrário, desejamos valorizá-lo ainda mais, apresentando-o ao lado da lógica e do esclarecimento que liberta.

Podemos imaginar o efeito de se comentar um determinado livro ou revista perante o público? Haverá interesse, despertará curiosidade. Ou comentar sobre determinada palestra ou evento, com aquele entusiasmo envolvente? Cativa-se o ouvinte. Este, participando, não será mais mero recebedor de passe, mas um novo trabalhador da seara.

Não é o que se deseja? Isto não enfraquecerá a reunião, nem afugentará seu público. Mas o trará mais consciente. ■

Uma boa palestra tem mais efeito psicológico em favor do público do que propriamente o passe

achará seu próprio caminho para aprimorar suas atividades e utilizar a reunião de passes como fonte de trabalho e instrução de seu

te: aquele público imenso e sempre presente na reunião de passes é espírita? Conhece a Doutrina? Está integrado às atividades da Casa ou está lá só para receber o passe? Não é interessante pensar se é vantagem ter um grande público presente, porém, desconhecedor da mensagem espírita?

Havendo exposição doutrinária, antecedendo ou durante a aplicação de passes, ela é suficiente para lavar o conhecimento? De que vale a Casa cheia de pessoas, só para receber o passe, muitas delas, dependentes do passe e encarando-o como solução salvadora de seus males, esperando que este resolva seus problemas?

A tarefa do passe é importante, está integrada à atividade espírita, mas não é a tarefa principal, embora atraia grande público. Não se pode perder a oportunidade de um grande público para



BIBLIOGRAFIA:

1. CARRARA, ORSON PETER, CAUSA E CASA ESPÍRITAS, EDIÇÕES CARRARA, MINEIRO DO TIETE-SP, 1ª ED., 1999.

Plural das Palavras Compostas

por Eduardo Martins

A formação do plural dos adjetivos e substantivos compostos é a que oferece maior complexidade, por causa da extrema variedade das regras.



Nos adjetivos compostos, por exemplo, só o último elemento vai para o plural: *medidas econômico-financeiras, estudos histórico-geográficos, considerações político-econômico-filosóficas, partidos social-democratas, tendências nacional-socialistas, vidas profissional-amorosas*.

No caso das cores, só o segundo elemento do adjetivo composto varia quando ele é formado por dois adjetivos: *blusas branco-amareladas, camisas azul-escuras, bandeiras amarelo-esverdeadas, cortina castanho-clara*.

O adjetivo composto fica invariável, porém, caso entre na sua formação um substantivo (em geral nome de flor ou substância que define a cor): *carros vermelho-sangue, olhos azul-turquesa, uniformes verde-oliva*.

Casos especiais: Os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste** não se alteram no plural. Assim: *ternos azul-marinho, vestidos azul-celeste*.

Os **substantivos compostos** têm uma série de normas especiais, que convém individualizar.

a) Quando variáveis, os dois elementos vão para o plural: *prontos-socorros, guardas-civis, tenentes-coronéis, maus-olhados, mãos-bobas, caras-pintadas, meios-termos, pais-joões, martins-pescadores, primeiros-ministros, segundas-feiras, longas-metragens*.

Exceção: Se os dois elementos forem adjetivos, só o segundo será flexionado: *os social-democratas, os democrata-cristãos, os franco-americanos, os maníaco-depressivos, as prima-donas*. Trata-se na realidade da substantivação do adjetivo composto, já examinado.

b) **Em alguns casos, só o segundo elemento vai para o plural:**

1 – O primeiro é invariável e o segundo, variável: *vice-prefeitos, abaixo-assinados, alto-falantes, auto-elogios, guarda-chuvas, caça-fantasmas, pega-rapazes, ave-marias, mal-entendidos, mata-ratos, beija-flores, ex-deputados, recém-nascidos*.

2 – O primeiro elemento é redução de um adjetivo (**grão** e **grã**, de grande, e **bel**, de belo): *grão-duques, grã-duquesas, grão-rabinos, grã-cruzes, bel-prazeres*.

3 – Os dois elementos são formados de palavras iguais ou reproduzem som de coisas: *reco-recos, troca-trocas, lambe-lambes, mata-matas, quebra-quebras, pisca-piscas, tique-taques, pingue-pongues*.

c) **Só o primeiro elemento vai para o plural quando:**

1 – O segundo elemento dá idéia de semelhança ou finalidade ou limita o sentido do primeiro: *postos-chave, elementos-surpresa, mandatos-tampão, países-símbolo, carros-bomba, idéias-base, pombos-correio, vales-refeição, seguros-desemprego, peixes-boi*.

Uma regra prática válida para algumas dessas palavras é intercalar a expressão **que serve**. Assim: *vale-refeição* (vale que serve para refeição), *postos-chave* (postos que servem de chave), *países-símbolo* (países que servem de símbolo).

Exceções: cidades-satélites, homens-rãs e decretos-leis.

Esta é a regra mais controvertida do plural dos substantivos compostos. Os dicionários *Aurélio* e o recente *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* admitem as duas formas para o plural desse tipo de palavra (*mandatos-tampão/mandatos-tampões, carros-bomba/carros-bombas, postos-chave/postos-chaves, etc.*). A maioria dos gramáticos, porém, ainda recomenda o plural só do primeiro elemento.

2 – Uma preposição une os dois substantivos: *pães-de-ló, pontos-de-venda, mãos-de-obra, pés-de-moleque, caixas-d'água, câmaras-de-ar, estrelas-d'alva, mulas-sem-cabeça*.

Às vezes, o segundo substantivo já está no plural: *rosados-ventos, rosas-dos-ventos; mestre-de-cerimônias, mestres-de-cerimônias; mestre-de-obras, mestres-de-obras*.

d) **Nenhum dos elementos vai para o plural quando** os dois elementos são invariáveis, o segundo já contém **s**, os dois são verbos de sentido oposto ou se trata de uma expressão substantivada: *os bota-foras, os pesque-pague, os topa-tudo, os pára-quedas, os salva-vidas, os leva-e-traz, os entra-e-sai, os diz-que-diz, os faz-de-conta*.

e) **Casos especiais.** Não se enquadram em nenhuma das normas acima: os padre-nossos, os mapas-múndi, os lugar-tenentes, os joões-ninguém, os arco-íris, os bem-me-queres, os bem-te-vis, os louva-a-deus, as salve-rainhas, os surdo-mudos, as surda-mudas, os bem-me-queres.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 80. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Aproveitamento

“Medita estas coisas; ocupa-te nelas para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos.”

Paulo (I Timóteo, 4:15.)

Geralmente, o primeiro impulso dos que ingressam na fé constitui a preocupação de transformar compulsoriamente os outros.

Semelhante propósito, às vezes, raia pela imprudência, pela obsessão. O novo crente flagela a quantos lhe ouvem os argumentos calorosos, azorragando costumes, condenando idéias alheias e violentando situações, esquecido de que a experiência da alma é laboriosa e longa e de que há muitas esferas de serviço na casa de Nosso Pai.

Aceitar a boa doutrina, decorar-lhe as fórmulas verbais e entender-lhe os preceitos são tarefas importantes, mas aproveitá-la é essencial.

Muitos companheiros apregoam ensinamentos valiosos, todavia, no fundo, estão sempre inclinados a rudes conflitos, em face da menor alfinetada no caminho da crença. Não toleram pequeninos aborrecimentos domésticos e mantêm verdadeiro jogo de máscara em todas as posições.

A palavra de Paulo, no entanto, é muito clara.

A questão fundamental é de aproveitamento.

Indubitável que a cultura doutrinária representa conquista imprescindível ao seguro ministério do bem; contudo, é imperioso reconhecer que se o coração do crente ambiciona a santificação de si mesmo, a caminho das zonas superiores da vida, é indispensável se ocupe nas coisas sagradas do espírito, não por vaidade, mas para que o seu justo aproveitamento seja manifesto a todos.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz